

Cheryl Holt

MAIS DO QUE SEDUÇÃO

Tradução
Paulo Moreira

*Quinta Essência**

1

SOMERSET RURAL, INGLATERRA 1813...

– Não a posso ajudar, Lady Eleanor.

Anne Paxton Smythe olhou para a elegante senhora da nobreza sentada diante de si, na esperança de parecer cortês mas firme. Tentou um sorriso sereno, mas mal conseguia manter-se sossegada.

Era loucura recusar o pedido de uma aristocrata e não se impediu de perguntar a si mesma se não estaria a colocar-se em perigo, se tudo o que conseguira fosse destruído simplesmente porque marcara posição.

Anne sentira-se tomada pela preocupação assim que a carruagem puxada por quatro cavalos da exaltada senhora subira ruidosamente o caminho que conduzia à sua porta. Percebera que nada de bom resultaria daquela visita e, depois de ouvir o ultrajante pedido da sua visitante, teve a certeza de que a sua intuição estava certa.

Estava fora de questão ajudá-la.

– Ao menos, oiça o que tenho para lhe dizer – insistiu Lady Eleanor em tom adulator.

– Não me fará mudar de ideias.

A brisa quente de junho fazia balançar as cortinas e por uma janela aberta entrou a frescura de risos femininos. As vozes

eram alegres e descontraídas, conjurando imagens de noites estivais, de amantes, intriga e romance.

Anne mexeu-se no seu lugar, inquieta, desejosa de que a sua visita não tivesse ouvido, mas era difícil ignorar os sons vindos do exterior. Com o passar dos anos, tinha-se acostumado a verbalizações inusitadas e ouvira tantas expressões estranhas que já não ligava a uma ocasional explosão de prazer. No entanto, isso poderia parecer peculiar e desconcertante a outras pessoas. Verdadeiramente lúbrico.

Corou.

– Como estava a dizer...

Os risinhos fizeram-se ouvir novamente, muito perto, o que a fez levantar o olhar para ver uma mulher nua correr no passeio exterior em bicos de pés. Tinha os cabelos caídos, como uma ninfa da floresta, e os seios voluptuosos expostos ao sol da tarde. Uma segunda mulher, tão nua como a primeira, correu atrás dela.

Extremamente preocupada, Anne olhou de relance para Lady Eleanor, mas a cadeira desta estava numa posição que não lhe teria permitido ver nada.

Deus fosse louvado! Não teria como explicar aquele espetáculo e a última coisa de que precisava era de provocar um desmaio da sua empertigada visita.

Levantou-se, um autêntico modelo de calma.

– Dá-me licença?

– Mas, acabei de chegar, e...

– Não demoro – cortou Anne, dirigindo-se para a porta antes que Lady Eleanor pudesse ordenar-lhe que ficasse.

Plácida e graciosa, saiu da sala, correndo para a porta das traseiras assim que se viu no corredor. A sua amiga e ajudante, Kate Turner, estava a aparar flores no jardim, alheia à brincadeira menos própria. Depois de Anne apontar várias vezes de modo frenético, Kate assentiu com a cabeça e desceu o caminho ladeado de arbustos para confrontar o indisciplinado duo.

Não eram permitidos divertimentos nus no jardim!

– Verifica o cesto de piquenique delas – sussurrou Anne.

– Se encontrares vinho, já chega. Confisca-o!

Também não eram permitidas bebidas inebriantes. Apesar de as suas patronas afirmarem que as bebidas alcoólicas ajudavam à diversão, Anne não podia permitir o seu consumo. Muitas deixavam-se levar pelo revigorar que experimentavam quando se banhavam na gruta das nascentes de água quente, o que a obrigava a manter rédea curta em todo o tipo de comportamentos, não fosse a diversão descontrolar-se.

Os rumores sobre a qualidade das águas já eram exagerados, que eram misteriosas e mágicas, e não precisava de encorajar mais ofuscação ou distorção. Voltou para dentro, perguntando-se se Kate teria a presença de espírito para apreender a bebida. Kate era eficiente, pragmática e dotada para muitas tarefas, mas não era perita em lidar com as clientes abastadas de Anne. Kate afastava-se de snobes e figuras da sociedade, enquanto Anne era obrigada a recebê-los e a conviver com todas, se queria ter comida na mesa.

Abrandonou o passo ao chegar à porta da sala de receção, inspirou profundamente algumas vezes e essa demora deu-lhe a possibilidade de avaliar Lady Eleanor. Era uma beleza régia, com uma figura agradavelmente roliça, grandes olhos azuis e um cabelo loiro fabuloso apanhado num intrincado coque. Tinha uma pele suave de um branco-pérola, do género que só as senhoras muito ricas se podiam dar o luxo de manter à custa de cremes caros. O vestido cor de safira era de um tecido caro que plissava e brilhava quando se movia. Por comparação, Anne parecia deselegante e sem graça, no seu vestido cinzento funcional, por cima do qual usava o avental engomado. Tinha a saia salpicada de água, a que se juntavam manchas na bainha. Apesar de usar o cabelo castanho apanhado numa trança, o calor e a transpiração de horas de trabalho tinham provocado a queda de várias madeixas.

Trabalho árduo, uma dieta saudável e a estatura pequena haviam-se combinado para lhe estreitar o torso. Ao lado da impressionante e roliça senhora da nobreza, sentia-se magra, esquelética e mal alimentada. O seu corpo apresentava-se deslealmente bronzeado por demasiado trabalho ao sol e as suas mãos ásperas e gretadas pelo excesso de tarefas. O negócio prosperava e havia dinheiro disponível para loções frívolas e outros mimos, mas nunca tinha um momento de ócio em que pudesse cuidar de si.

Estava constantemente ocupada e olhar para Lady Eleanor fazia com que se sentisse cansada e decrépita.

Lady Eleanor aproximara-se da janela e olhava para o exterior numa tentativa de determinar o que tinha desviado a atenção de Anne. Felizmente, o escandaloso par já não se encontrava em lugar visível. Anne não conseguia imaginar que mentiras teria de inventar se Lady Eleanor tivesse visto as duas.

Se ao menos Lady Eleanor a tivesse avisado antecipadamente da sua visita, Anne poderia ter feito preparativos; poderia ter fechado os portões e recusado a admissão do bando de desenfreadas banhistas.

Mas não havia mais nada a fazer, a não ser dar por terminada a conversa e fazer com que a teimosa mulher se fosse embora.

Lady Eleanor deu meia volta quando Anne entrou no salão, embaraçada por ter sido apanhada a espiar, mas disfarçou bem o seu lapso. Anne indicou as cadeiras com a mão e as duas sentaram-se de novo.

– Muito bem – começou Anne –, onde íamos nós?

– Estávamos a falar do meu irmão, Stephen.

– Ah, sim. – O famoso capitão Stephen Chamberlin. Devasso. Libertino. Herói de guerra. Por que motivo um patife tão ilustre enviava a irmã ao campo para fazer solicitações em seu nome? Não teria maneiras? Ou vergonha?

– Foi ferido em Espanha.

– A sério? – perguntou Anne em tom suave. Os ricos e poderosos não detinham qualquer monopólio das misérias da guerra. O seu próprio irmão, Phillip, quase fora morto em Salamanca. Recusava-se a mostrar qualquer simpatia pela família Chamberlin.

– Já referi que o nosso pai é Robert Chamberlin, o conde de Bristol?

Quatro vezes!

– Já, sim. – Mas Anne não se mostrara perturbada por tão impressionante notícia. Não dava dois dinheiros por qualquer senhor da terra e, se Lady Eleanor esperava surpreendê-la ou chocá-la com a alusão ao título, estava a pregar no deserto. Anne não podia importar-se menos.

– Se o que a preocupa é a minha capacidade de a remunerar pelo tratamento do meu irmão, posso assegurar que será muito bem recompensada.

– Não é uma questão de dinheiro.

– Então, o que é?

Anne tinha tantos motivos para recusar que nem conseguia enumerar todos. Em primeiro lugar, não podia ter um homem na sua propriedade. O que diriam as suas clientes? E o que pensariam os vizinhos de algo tão impróprio?

A grande metrópole mais próxima era Bath, que atraía muita gente em busca de convalescença. As personagens mais abastadas e influentes de Inglaterra faziam frequentes peregrinações à cidade, mas muitas privacidades femininas preferiam a privacidade da propriedade de Anne.

Os antigos banhos romanos, que ela e Kate tinham renovado, constituíam uma dádiva, uma bênção de valor inestimável, e não estava disposta a estragar tudo acolhendo o capitão Chamberlin. Por mais ferido que ele pudesse estar, não podia arriscar o seu ganha-pão.

– As minhas hóspedes são todas mulheres – esclareceu.
– Não seria adequado.

– Receia perder clientes?

– Tenho a certeza de que perderia.

Lady Eleanor abriu a bolsa, de onde retirou um envelope que entregou à sua anfitriã.

– Desconheço qual o seu rendimento, mas isto deve ser mais que suficiente para compensar quaisquer custos em que possa incorrer.

Anne espreitou o interior do envelope, vendo o que seria um maço de centenas de libras.

– É demasiado. Não poderia...

– Isso é para os primeiros seis meses – interrompeu a visitante. – Se for preciso mais tempo para o recuperar, eu dobro essa quantia.

Anne fechou o envelope com a pequena fortuna e tentou devolvê-lo, mas Lady Eleanor não quis aceitar, pelo que o colocou sobre a mesa entre ambas.

– Por favor, Mistress Smythe, imploro-lhe.

Estava perturbada, convencida de que Anne podia intervir com sucesso, o que fazia com que esta se sentisse terrivelmente desconfortável. O seu nome verdadeiro era Anne Paxton e o apelido Smythe era falso. Fingia ser viúva, uma vez que a referência a um marido falecido lhe conferia legitimidade, além de afastar perguntas sobre os seus antecedentes e competências.

Na verdade, era uma fraude, uma solteirona de vinte e oito anos que servira de enfermeira à sua mãe moribunda, a então viúva Brown, na derradeira fase da sua doença. Os seus conhecimentos de medicina não iam além de uma série de métodos que desenvolvera por tentativa e erro. Ver uma desesperada Lady Eleanor implorar a sua assistência deixava Anne mortificada.

Não podia ajudar Stephen Chamberlin. Salvo pelo recurso a algumas tinturas, alterações alimentares e banhos na gruta, não fazia a mínima ideia de como o fazer.

– O que me pede é demasiado difícil para que possa aceitar.

– Como posso facilitar-lhe as coisas?

– Não pode. Se acha que águas terapêuticas podem ser benéficas para o seu irmão, existem termas em Bath. Qualquer uma seria adequada.

– Não posso expô-lo num estabelecimento público. – A ansiedade fez Lady Eleanor franzir o cenho. – Olhe para ele. Costumava ser assim.

Entregou-lhe um pequeno retrato emoldurado de Stephen Chamberlin. Com cabelo escuro e olhos azuis hipnotizantes, era o tratante mais bonito que Anne alguma vez vira. Envergava o uniforme militar, com a casaca vermelha a acrescentar-lhe uma centelha de atração. Afetado, pretensioso e excessivamente confiante, parecia pronto a desafiar Napoleão sem ajudas e vencê-lo.

Os homens tolos e as suas guerras tolas!

Phillip também era garboso e galante aquando da sua partida. A irmã implorara-lhe que não fosse, que ficasse com o pai de ambos em Salisbury, onde estariam seguros, mas este também não lhe deu mais importância do que Stephen Chamberlin. Tinham ambos sido feridos e mutilados, fazendo com que as mulheres nas suas vidas tivessem de se preocupar com as consequências.

Anne não queria deixar-se afetar pela súplica da sua visitante, mas olhou para o retrato com atenção, imaginando o homem e o soldado, intrigada apesar de não ser esse o seu desejo.

– Já não tem esse aspeto – revelou Lady Eleanor. – Foi sempre um verdadeiro pavão, muito orgulhoso da sua aparência. Não poderia permitir que o vissem como está. Por isso pensei que a sua propriedade seria melhor. É muito calma e isolada. Ele teria a privacidade de que necessita para sarar.

Nesse instante, ouviram-se gargalhadas no exterior e Lady Eleanor voltou-se para a janela. Naquele preciso momento, a brisa fez levantar as cortinas e pôde ver uma mulher nua passar em corrida do lado de fora.

– Valha-me Deus... – murmurou.

– Queira desculpar – disse Anne, rangendo os dentes, logo abandonando a sala e atravessando rapidamente o corredor até às traseiras, onde chegou a tempo de ver o traseiro nu da infratora enquanto esta saltava para a piscina. Também procurou Kate, a traidora, que não se encontrava em lugar visível, o que a obrigava a resolver ela própria a situação.

Uma dúzia de clientes descansava ociosamente nas rochas e nas margens do lago. Eram membros preguiçosos da *ton*, que não conhecia, mas que lhe tinham sido recomendadas por Lady Carrington. Sem querer ofender, Anne tinha permitido a visita destas, mas, na esperança de as dissuadir, pedira um preço exorbitante, que elas haviam concordado pagar sem qualquer hesitação. Com os pés submersos, os cabelos caídos sobre os ombros e os seios descobertos, assemelhavam-se a um bando de sereias marotas.

Notava-se um certo elemento de gozo da malandrice de estarem assim fora de portas, de apreciação da licenciosidade daquela libertinagem conjunta, de fascínio com a possibilidade de serem detetadas, ainda que as hipóteses de serem descobertas fossem mínimas. A propriedade estava protegida por uma vedação e a gruta por fetos e arbustos densos.

Também queriam poder gabar-se de ter estado na propriedade de Anne, que estava na moda. Não faltavam mexericos a respeito da mesma. Dizia-se que Anne era uma feiticeira que administrava reconstituintes e remédios, que conseguia curar tudo desde insónias a males de senhoras, e que as suas nascentes quentes possuíam características especiais que não se encontravam em mais nenhuma das termas da vizinhança.

Afirmava-se mesmo que as águas possuíam uma energia sexual e que quando uma mulher emergia nelas era tomada de desejos luxuriosos e paixões arrebatadoras.

Anne não fazia nada para acabar com os mexericos. Tinha um negócio e era a dona da casa e da propriedade herdadas da viúva Brown. Com a morte da mãe, e na ausência do pai, aquela

herança era tudo o que possuíam e faria o necessário para ser bem-sucedida.

Insolente e desdenhoso, o promíscuo grupo ficou a vê-la aproximar-se e ela conteve a irritação. Viam-se garrafas de vinho e cálices caros espalhados sobre a relva. Não poucos estavam vazios, testemunho da embriaguez das mulheres, o que justificava os seus passeios sem roupas em volta da casa.

Desprezava-as, mas tinham dinheiro com que podiam pagar os seus serviços, o que lhe proporcionava margem de manobra para tratar pessoas menos abastadas, pelo que estava a pisar uma linha ténue. Tinha de ser bajuladora e deferente, mas era dona, responsável e gestora da propriedade e não podia permitir que a atropelassem.

– Senhoras – alertou –, andam a passear-se no pátio. Expliquei-vos as regras. Uma vez que saiam do vestiário, devem permanecer na área da piscina. Não podem passear-se pela propriedade. Especialmente sem roupas. *Devem* usar sempre fato de banho!

– Mas é muito mais divertido não usar – respondeu uma delas. Era Camilla Warren, uma jovem e altiva viúva, cujo marido mais idoso falecera recentemente, sem que ela parecesse estar de luto.

– Tenho uma convidada e estão a perturbar a nossa conversa.

– Sim, nós vimos – respondeu Camilla. – É a Eleanor Chamberlin Dunworthy?

– Não – mentiu Anne.

– A sério? Era capaz de jurar que a carruagem ostenta as armas de Bristol.

– Está enganada.

– O Stephen veio com ela?

– Não faço ideia de quem está a falar.

Lady Camilla espreguiçou-se, arqueando o corpo para cima ao mesmo que passava a palma da mão pelo peito e pelo

estômago, numa tentativa, pensou Anne, de a surpreender e desconcertar, pelo que não esboçou qualquer reação. Nos anos que levava à frente do empório, Anne já vira de tudo, pelo que já nada a surpreendia.

– Soube que o Stephen perdeu o juízo. – Camilla dirigiu um olhar às suas companheiras. – Não seria divertido descobrirmos a verdade? Que histórias poderíamos contar, *hmmm*.

Ouviram-se risinhos maliciosos no grupo e Anne teve de morder a língua para conter um comentário irritado. Quem eram elas para troçar do estado de Lorde Chamberlin? Tinha lutado por Deus e pela pátria. O mínimo que podiam fazer era mostrar algum respeito.

– Se voltarem a quebrar as regras – avisou Anne –, terei de retirar-vos os privilégios.

– Não faria tal – amou Camilla.

– Com certeza que sim. – Anne enfrentou o olhar calculista de Camilla e a jovem megera depressa se encolheu.

– Oh, está bem – respondeu. – Nós portamo-nos bem.

– Obrigada.

Anne deu meia volta e dirigiu-se para casa.

– Estraga prazeres – ouviu Camilla dizer nas suas costas.

As outras riram-se, mas Anne não se deteve. Ao contornar uma sebe enquanto subia o caminho empedrado, esbarrou literalmente com Lady Eleanor, que a seguira, curiosa com o que se estava a passar. Pela palidez e evidente consternação, era evidente que estivera à escuta.

– Venha comigo! – ordenou Anne. – Não lhe dê a satisfação de testemunharem a sua perturbação.

Anne levou-a apressadamente para dentro, serviu-lhe um copo de xerez e sentou-se pacientemente, esperando enquanto ela bebia.

– Ele não está louco! – insistiu Eleanor assim que acabou de beber. – Ele... ele...

As lágrimas começaram a descer-lhe pelo rosto, uma visão que Anne foi incapaz de suportar. Não queria sentir pena de Lady Eleanor e do irmão, não queria ficar triste ou abalada, do mesmo modo que não queria saber que mal o afligia nem mostrar preocupação ou comiseração, e não queria oferecer consolo ou conforto.

No entanto, deu por si a perguntar:

– O que se passa com ele?

– Foi terrivelmente ferido. Nas pernas e nas costas. Com golpes de sabre, assim como com tiros de pistola. Ainda tem as pernas, mas não consegue andar, muito embora não haja motivo para que não o faça. Os médicos dizem que ele parece não querer melhorar.

– Talvez não queira. Não se pode obrigar uma pessoa a melhorar se não for essa a sua vontade.

– Mas ele tem apenas trinta anos! Devo parar de me preocupar? Devo desistir? Desistir? – Engoliu a custo, evidentemente abalada. – Os charlatães que aconselham o meu pai querem que ele corte a perna! Se ele atacar de novo os médicos, o meu pai manda-o para Bedlam!

Anne estremeceu. Já estivera naquele asilo, numa ocasião terrível, quando resgatara Kate depois de o marido desta ali a ter internado. Não desejava tamanho mal a homem ou animal.

– Ele não faria tal – protestou Anne.

– Eu vi os papéis na secretária dele.

– Pode ter feito confusão.

– Não fiz – garantiu a sua visitante. – Tem um irmão, Mistress Smythe?

– Tenho.

– Permitiria que o seu pai lhe fizesse tal coisa?

Anne sentiu vontade de resfolegar de desgosto. Como se o seu *pai* alguma vez se preocupasse o suficiente com Phillip para se dar ao trabalho.

– Não permitiria, não – respondeu.

– Nesse caso, ajude-me. – O pedido foi acompanhado com mais lágrimas.

– Oh, Lady Eleanor...

Anne suspirou, deprimida e desanimada. Sempre fora demasiado bondosa e compassiva. Era o seu maior defeito e a súplica de Lady Eleanor irritava-a porque a fazia querer ajudar, apesar das suas reticências. Eleanor estava sempre a chamar os irmãos de ambas à conversa, o que lhe tolhia a decisão. Tivera um fraquinho por Phillip e não concebia ficar sentada se ele estivesse em apuros.

A sua determinação começava a desaparecer quando reparou que a carruagem de Camilla Warren parava no caminho de acesso à casa. Esta e as amigas conversavam alegremente, acenando e mandando beijos nas pontas dos dedos aos lacaios de Bristol que esperavam junto à carruagem de Eleanor.

A agitação devolveu Anne à realidade. Não podia deixar-se envolver nos problemas da família Chamberlin! Particularmente quando o patriarca da família, o duque de Bristol, estava prestes a despachar um dos três filhos para Bedlam. Era uma situação que não lhe traria qualquer vantagem e em que não se atrevia a intervir.

– É por causa delas que tenho de recusar – observou. – Já vi como elas são. Algumas das minhas clientes são algo desregradas, como outras são muito doentes, mas são todas mulheres e este é um estabelecimento onde podem descansar e ser elas próprias. Ele não poderia ficar aqui.

– Eu ouvi histórias a seu respeito – implorou Eleanor. – É uma curandeira. Tem conhecimento de métodos e remédios que outros não possuem.

– As histórias não são verdadeiras – confessou Anne. – Posso competências rudimentares de enfermagem. Não há nada de excepcional no que faço.

– Todos falam de si.

– Acredite no que lhe digo. Os elogios que me fazem excedem largamente as minhas capacidades.

– A água da sua gruta – tentou a visitante, experimentando uma abordagem diferente. – Dizem que tem um poder mágico que não se encontra noutras fontes.

– O que dizem é uma falácia, Lady Eleanor. É apenas água. Que borbulha para fora das rochas. É esse o único mistério.

Durante um demorado e doloroso minuto, Eleanor estudou-a.

– Consegue curá-lo. Vejo-o nos seus olhos. É capaz de o fazer. Por favor! Salve o meu irmão por mim.

– Lamento, mas não posso.

– Dou-lhe tudo o que pedir. Tem de haver algo que sempre quis. Algo de que precise.

– Não, nada.

Derrotada, Eleanor deixou cair os ombros e guardou o envelope com o dinheiro na bolsa.

– Se mudar de ideias...

– Não mudo.

Entregou-lhe um pedaço de papel, que Anne reconheceu, com a morada de Bristol Manor. Como se precisasse que lhe indicassem o caminho para a propriedade! Como se fosse possível residir na mesma área desde os três anos e não saber onde ficava a mesma.

– Estarei lá, com o Stephen, até ao final de setembro.

– Não conte comigo. Arranje outra pessoa.

– Não há mais *ninguém* – respondeu Eleanor. – Procurei por todo o país. Era a minha última esperança.

A observação calou fundo em Anne, obrigando-a a cerrar os lábios, não fosse a sua língua indisciplinada fazer uma oferta a que não pudesse corresponder. Lady Eleanor levantou-se e saiu, sem um adeus ou olhar para trás, e ficou pregada ao chão. Deixou-se estar um pouco, ouvindo o som dos passos da dama enquanto esta saía e descia o caminho.

Ouviu-se um prolongado murmúrio de vozes, uma aparente discussão, e o bater de uma porta quando subiu para a carruagem,

ao que se seguiu um ranger de couro e arneses enquanto se preparava para partir. O veículo arrancou ruidosamente, puxado pelo trote perfeito dos magníficos cavalos, descrevendo um círculo antes de seguir em direção à estrada.

Presas de grande desespero, Eleanor aproximou-se da carruagem e Charles Hughes, amigo de Stephen, apressou-se a dispensar-lhe as suas atenções. Era um homem atraente, de uma forma rude. Robusto e largo de ombros, forte como um touro e dono de uma determinação inabalável, recordava-lhe um pugilista de feira. Com cabelo avermelhado, olhos verdes e pele tisonada pelo vento, exalava uma masculinidade capaz de atrair muitas mulheres, mas não uma viúva experiente como ela.

Com trinta e dois anos, era três anos mais novo que ela, mas parecia muito mais velho e sábio e deixava-a nervosa. Sentou-se muito direita, inclinando ligeiramente a cabeça para se isolar. Sentia-se pequena, imatura e menos confiante na presença de Charles. Enquanto ela passara os anos entre os vinte e os trinta casada e dedicada a frivolidades, Charles fizera carreira como soldado, tendo percorrido a Europa nessa condição. Tinha viajado com Stephen e, apesar de nenhum dos dois falar do que realmente acontecera em Espanha, Eleanor suspeitava que o irmão não estaria vivo se Charles não tivesse estado ao seu lado.

Na verdade, Charles tinha perdido uma mão, não em combate, mas no tratamento após o mesmo. Tinha um gancho no lugar da mão, o que acentuava o seu ar perigoso e autoritário, um gancho que ocultava discretamente na camisa, repousando o braço sobre o estômago. O valor que demonstrara, aliado à mutilação sofrida, tinha-lhe garantido um lugar na folha de ordenados de Bristol enquanto quisesse ficar. Apesar de terem muitos defeitos, os homens da família de Eleanor eram leais.

– Então? – perguntou Charles sem rodeios.

– Ela disse que não.

Muito bem, foi a resposta silenciosa do homem, antes de perguntar:

– E agora?

– Ele continua a dormir?

Os lábios de Charles transformaram-se numa linha fina. Detestava quando ela se referia aos maus hábitos de Stephen.

– Sim – respondeu.

– Deixe-me ver.

Charles abriu a porta do elegante veículo e Eleanor espreitou para a escuridão no seu interior. Caído contra as costas do banco, sujo, despenteado e a tresandar, o seu antes belo, dinâmico e carismático irmão ressonava em pacífico esquecimento.

Sentiu um assomo de bÍlis e voltou-se para Charles.

– Leve-o – ordenou. – Deixe-o no alpendre dela.

– Como?

Atrás deles, o cocheiro e os lacaios ficaram tensos.

– Ouviu o que lhe disse.

– Endoideceu, mulher? – O temperamento de Charles levou a melhor sobre ele, denunciando o sotaque escocês nativo quando falou.

– Ela é uma pessoa bondosa. Vai ajudá-lo.

– Julguei que ela tinha recusado.

– Ela vai ceder.

– Está louca? E se ela não ceder?

– Não o quero em Bristol, onde o meu pai permitirá que aqueles carnicheiros lhe cortem a perna.

– O conde vai acalmar-se.

– Se é isso que pensa, não conhece bem o meu pai.

Charles estava tão furioso que tremia.

– Não vou permitir que o largue aqui, como um saco de lixo!

– Leve-o, Mister Hughes.

– Não farei tal coisa!

Charles ocupava uma posição estranha na casa de Eleanor. Apesar de ser tecnicamente um criado de Bristol, respondia

apenas perante Stephen e não podia receber ordens de outra pessoa. Homem de elevada moral e princípios, mais depressa voltava costas do que obedecia a uma ordem que fosse contra o seu bom senso.

Eleanor dirigiu um olhar autoritário aos lacaios, que não se atreviam a desafiá-la.

– Levem-no, meus senhores.

Numa ameaça de motim, os homens mostraram-se contrariados, mas o cocheiro acabou por avançar para cumprir a ordem. Charles afastou-o.

– Eu levo-o – disse secamente, estendendo o braço para agarrar Stephen pelos ombros. Com apenas uma mão, os seus gestos eram desajeitados e os outros homens apressaram-se a dar-lhe uma ajuda.

Carregaram Stephen até à entrada da casa, onde o deixaram sem que este desse sinal de se ter apercebido do que tinham feito continuando a dormir em serena indiferença.

Os homens voltaram para junto da sua senhora e Charles murmurou:

– Megera louca.

– Disse alguma coisa, Charles?

Olhou para ele evidenciando uma arrogância e uma ira que não mostrava com mais ninguém. Ele enfrentou o olhar, mas manteve-se prudentemente calado.

No calor do momento, não valia a pena que nenhum dos dois dissesse nada de que mais tarde pudesse arrepender-se.

Charles ajudou Eleanor a subir para a carruagem e os outros prepararam-se para partir. O que fizeram sem demora. Os cavalos deram meia volta e, quando estavam prestes a sair do pátio, Mrs. Smythe surgiu à porta, gritando e correndo atrás da carruagem como se pudesse apanhá-la e obrigá-la a parar.

– Nada disso! – gritou. – Não pode fazer isto! Não me pode fazer isto!

Eleanor pôs a cabeça fora da janela.

– Volto dentro de um mês para saber como ele está – respondeu. – Escreva-me para Bristol, se precisar de alguma coisa.

Deitou a mão à bolsa, de onde retirou o envelope com o dinheiro. Atirou-o pela janela e foi cair no chão diante dos pés de Mrs. Smythe. A expressão desta era um misto avassalador de ira e escárnio e Eleanor meteu-se para dentro, recostou-se no banco e fechou os olhos, incapaz de suportar tamanho desdém.

É pelo melhor, tentou convencer-se. Pelo melhor!

Murmurou uma oração. Por Stephen e também por Mrs. Smythe.

